



## **A Construção do Regime de Verdade da Revista Veja na Cobertura da Campanha de Obama à Presidência dos Estados Unidos<sup>1</sup>**

Alana CAMARA  
Camila KOWALSKI  
Cíntia GUEDES  
Gilvan REIS  
Nina SANTOS  
Tiago CANÁRIO<sup>2</sup>

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

### **RESUMO**

O presente trabalho busca analisar, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, como se constrói o regime de verdade da Revista Veja na cobertura da campanha de Barack Obama para a presidência dos Estados Unidos. Utilizando como base teórica principal os conceitos de regime de verdade e discurso em Foucault e representação em Hall, levantamos os temas recorrentes na cobertura deste acontecimento e analisamos de que forma a Revista Veja constrói seu discurso destacando características coerentes com seu regime de verdade e silenciando os pontos que o tornariam contraditório.

**PALAVRAS-CHAVE:** regime de verdade; revista Veja; Obama; cobertura.

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho pretende analisar a construção do regime de verdade da revista Veja na cobertura da campanha de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos da América. Para tanto, iremos identificar, após apresentação da linha editorial da revista e dos valores por ela defendidos, quais temas/assuntos foram utilizados com maior recorrência pela Veja ao cobrir a campanha de Obama. A partir deles, intentamos compreender como a revista constrói seu regime de verdade, observando que pontos ela destaca e quais ela interdita, ao tratar desses temas, para que seus discursos sejam coerentes. Buscamos observar também a que público a revista se destina, bem como contextualizá-la no cenário brasileiro e mundial, para compreender de forma mais aprofundada a construção de seu regime de verdade.

Como *corpus*, serão analisados os textos de 18 matérias, retiradas de 14 edições impressas da revista Veja, no período que vai de 11 de junho a 12 de novembro de 2008. A escolha foi orientada pela duração da própria campanha presidencial

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Alunos de graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia



americana, que se deu entre 03 de junho e 04 de novembro desse ano (lista completa das matérias em anexo 1).

O grupo buscou também textos de outras publicações – à exemplo do *Le Monde Diplomatique Brasil* e da Agência Carta Maior – lançados à mesma época. A leitura desse material foi fundamental para a análise, pois, como já foi dito, para compreender como se constrói o regime de verdade de *Veja* é preciso não só observar que assuntos e temas que ela destaca em sua cobertura, mas quais ela silencia para que seus discursos sejam coerentes – e, portanto, para sustentar seu regime de verdade.

Como fundamentação teórica, utilizamos principalmente os conceitos de discurso, formação discursiva e regime de verdade, desenvolvidos por Foucault, passando também pela noção de representação, de Hall, e de nação, em Canclini e Said. Buscamos também compreender temas centrais na cobertura de *Veja*, como democracia, globalização e capitalismo, através de autores como Perry Anderson e Norberto Bobbio.

A escolha de *Veja*, uma revista semanal de jornalismo interpretativo, como objeto de análise se deve à sua importância no contexto editorial brasileiro, ao seu valor histórico e ao fato de ela ter tido, ao longo dos seus 41 anos, uma política editorial bem definida. Consideramos *Veja*, portanto, um produto cultural interessante para o estudo do regime de verdade e vamos tratar, a seguir, dos aspectos que configuram o contexto no qual a revista se insere.

## **2. VEJA: CONTEXTO**

Antes de partir para a análise textual de um produto cultural é preciso observar o seu entorno – as informações contextuais que ajudam a compreender o objeto enquanto produto de um processo histórico e não como fenômeno isolado. Compreender o contexto de surgimento de *Veja*, em 1968, sua trajetória e suas reconfigurações até os dias atuais, bem como a política editorial por ela adotada é fundamental para a análise da construção de seu regime de verdade.

Em primeiro lugar, é preciso destacar que a revista é uma publicação semanal da Editora Abril, o maior conglomerado brasileiro no segmento de revistas, reunindo mais de 300 títulos, com 180 milhões de exemplares vendidos por ano e contando com mais de 4 milhões de assinaturas. Hoje, é a revista semanal mais vendida do país, com mais



de um milhão de leitores, e a terceira maior revista semanal do mundo – ficando atrás apenas das norte-americanas *Time* e *Newsweek* – o que demonstra sua força no cenário brasileiro e internacional. Seu público consumidor concentra-se nas classes A e B (ver tabela, anexo 2), que juntas somam 72% de seu total de leitores.

Quando *Veja* foi lançada, o grupo Abril já estava consolidado no mercado brasileiro, oferecendo todo o suporte técnico e de profissionais necessários para a realização da revista. A publicação situou-se no contexto da organização capitalista da cultura, como um produto cultural em sintonia com o projeto político de progresso da nação, através da modernização do Brasil pela implantação definitiva do capitalismo (projeto que pode ser identificado na *Carta do editor* publicada no primeiro número da revista<sup>3</sup>). Sua campanha publicitária de lançamento é bastante ilustrativa: baseava-se nas rápidas transformações mundiais, na agitação política, nas novas descobertas da ciência e na necessidade que as pessoas têm de saber, de modo claro, o sentido de tudo isso.

Assim, lançou-se uma expectativa sobre a necessidade de consumir um novo produto, apto a trazer para os leitores potenciais informações sobre os fatos ocorridos no Brasil e também fora dele. Comprar *Veja* era a possibilidade de adquirir semanalmente uma parcela de modernidade. Ressaltando que, nesse caso, modernidade é diretamente identificada com o progresso da nação e com os próprios valores liberais.

Entender o motivo que levou *Veja* a adotar esse valor passa pela compreensão de seu pertencimento social: a classe dominante, paulista, constituída e constituinte de um projeto político para o país. Hoje, nas palavras de sua editora, a *Veja* é “indispensável para o país que queremos ser”, slogan por ela adotado. A revista continua defendendo um projeto político para o Brasil, ainda direcionado pelos valores da direita brasileira – valores do liberalismo, do capitalismo e da democracia representativa –, com os quais sua política editorial se alinha. No caso específico da cobertura de Obama, questões cruciais para a Revista, como democracia, liberalismo, capitalismo, racismo, imperialismo cultural etc., tem tratamento específico e, claro, recontextualizado para a realidade brasileira – onde a própria revista opera.

---

<sup>3</sup> “O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa ter informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E este é o objetivo de *Veja*” (Victor Civita. *Carta do Editor. Veja*, n. 1, setembro de 1968).



### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito central do trabalho é o de regime de verdade desenvolvido por Foucault. Para entender esse conceito é preciso primeiro explicitar o que Foucault entende por discurso. Em sua obra o autor desenvolve o conceito de discurso enquanto uma fala intencional. Foucault destaca que seu objetivo não é compreender a linguagem, mas entender como a partir da linguagem certas representações são possíveis em determinado contexto de luta política. Isso porque toda representação é histórica, socialmente construída, não há representação natural. Dessa forma, uma representação implica em uma opção de interpretação de realidade, em detrimento de outras, escolha essa feita num cenário de disputa de poder. Ou seja, a formação discursiva serve para amparar um regime de verdade.

É importante entender que, por ser uma construção histórica e social, o regime de verdade nunca é a verdade em si (até porque essa não existe), mas uma representação da realidade. Isso implica em dizer que o regime de verdade não mostra todas as características do fato sobre o qual se constrói, mas opera justamente no ocultamento das características que não lhe são úteis, coerentes e no destaque das que mais lhe importam.

Além disso, como parte também do projeto político proposto pelos Estudos Culturais, é preciso entender que os regimes de verdade operam dentro da disputa pela hegemonia. O contra-hegemônico é inerente ao hegemônico, tencionando-o sempre. Esse processo de constante negociação pode levar a modificações dentro do próprio discurso hegemônico, com intuito de manter a hegemonia. A incorporação de aspectos que originalmente não faziam parte da formação discursiva que o sustentava é apenas uma forma de adaptar-se e manter-se hegemônico. Partindo desse conceito e do fato que a revista *Veja*, à medida que publica textos sobre fatos da realidade, opera no âmbito da representação, vamos analisar quais pontos dessa realidade são omitidos e destacados por ela.

Vale atentar que trabalhamos o conceito de representação mais próximo à perspectiva pós-estruturalista:

“A representação não é simplesmente um meio de expressão transparente de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma atribuição de sentido. Como tal, representação é um sistema

lingüístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estritamente ligado às relações de poder (SILVA, 2006, p. 91)”

Como o nacionalismo foi tema muito presente na campanha de Obama, torna-se importante atentar também para a idéia de Canclini de que as nações já foram um importante elemento de diferenciação, mas hoje esse papel está diluído pela própria diluição das fronteiras nacionais. O autor se coloca contra um purismo e a busca de uma essência na medida em que considera que as culturas hoje são híbridas, formando-se do próprio contato com universos diferentes dos seus. Além disso, Edward Said, em *Cultura e Imperialismo*, destaca que a cultura não deve servir como cerca de proteção, isolando-se do mundo. Para o autor esse tipo de pensamento cria a dicotomia ‘eu – outro’ que pode levar a atitudes cruéis contra os ‘outros’ já que eles nada teriam a ver com nós mesmo.

#### 4. ANÁLISE

##### 4.1 Raça

O primeiro aspecto relevante na cobertura da campanha de Barack Obama pela revista *Veja* é a construção de sua identidade racial. Resumidamente, podemos indicar que, nas matérias que antecederam a campanha, Obama é apresentado pela revista como cidadão “meio branco, meio negro” (*Veja*, 11 de julho de 2008). A construção da identidade de raça do então candidato é reforçada em imagens que identificam sua árvore genealógica e comprovam que uma vez que sua família paterna é negra e a materna é branca. Obama é um sujeito híbrido racialmente.

Ainda na análise do bloco de matérias que antecedem a eleição, observamos o preconceito sendo jogado para o plano da individualidade de cada cidadão. *Veja* faz questionamentos acerca do resultado das pesquisas que apontam que o medo dos eleitores norte-americanos está mais voltado para a idade do candidato do que para cor de sua pele; a revista indaga se isso não irá mudar na hora do voto, e, após a vitória, pontua: “A vitória de Obama não acaba com o preconceito de cada um” (*Veja*, 11 de junho de 2008)

É ainda na edição especial (pós-vitória de Obama nas eleições) que a revista reconstrói a trajetória de Obama até chegar à Casa Branca. Obama é apresentado, enfim, como um sujeito pós-racial, que teria superado uma disputa racial histórica em pró de um bem comum. Ainda que pós-racial, Obama é equiparado à líderes negros. Sua



imagem é associada, em especial, à figura de Mather Luther King (Veja, 12 de novembro de 2008). Assim, o movimento de luta pelos direitos civis dos negros é personalizado na figura de um líder pacifista, que na verdade não é capaz de sintetizar as características de um movimento que foi bastante heterogêneo.

O discurso que constrói Obama como pós-racial interdita algumas questões importantes. Primeiro, historicamente, é importante frisar que a luta pelos direitos civis dos negros nos EUA fez e faz parte da constituição dos direitos civis do povo americano, o povo negro americano foi e é elemento ativo na formação política, econômica e cultural dos Estados Unidos e essas disputas não podem ser resumidas a um quadro que personifica a luta pelos direitos civis negros nas imagens de alguns de seus líderes (Veja, 12 de novembro de 2008). Apesar do enfoque dado a figura de Luther King e dos movimentos pacifistas, vale lembrar que outros grupos estavam organizados, já na década de 60, em prol da auto defesa do povo negro – o Black Power e os Panteras Negras, por exemplo, surgiram como reação violenta à ação de grupos terroristas racistas. Esses movimentos de resistência se inspiraram nas idéias de Malcom X, que apontava que a opressão do povo negro estava mais relacionada à lógica do sistema capitalista do que a qualquer outro fator, eram portanto grupos socialistas. Representantes atuais destas idéias são classificados pela revista *Veja* como “vozes do passado” (Veja, 12 de novembro de 2008).

Num contexto social atual, a *Veja* não observa índices relativos à expectativa de vida (72,8 anos para negros, 78 para brancos), renda média familiar (33.916 dólares/ano família negra 54.920 dólares/ano família branca) e desemprego (13.3% da população negra, 8.5% da população considerada branca) dos negros, que “continuam tendo duas vezes mais chances de ficarem desempregados, três vezes mais de viverem na pobreza e seis vezes mais de irem para cadeia”<sup>2</sup>. Sendo assim, questionamos que negro norte-americano de fato pode tornar-se presidente, e a que serve o discurso do pós-racialismo tão alardeado como vitória e tolerância pela revista *Veja*.

## 4.2 Multiculturalismo

Na cobertura sobre a candidatura de Barack Obama, *Veja* ressalta o fato de que o candidato tem ascendência queniana, um padrasto asiático, já morou em Jacarta, no

---

<sup>2</sup> BERNARD, Philip. *Le Monde Diplomatique* em 29/06/2009



Havaí, e em várias cidades dos Estados Unidos. Obama traria uma esperança em relação à tolerância, a um posicionamento menos “arrogante e imperial” do que o de George W. Bush<sup>3</sup>. Veja mostra Barack Obama como a prova de que a globalização tem nos levado por um caminho de compreensão da diversidade. A revista consegue afirmar esse discurso usando uma narração que apela para a emoção e a “personalização” – ou seja, o foco é a figura do candidato.

Contudo, a mesma revista atenta para o fato de que este multiculturalismo de Obama não é unanimemente bem aceito pelo eleitor estadunidense e mostra como o patriotismo do candidato é sistematicamente questionado. Essa discussão, entretanto, só pode ocorrer num plano superficial – e isso é o que nos dá pistas para perceber o que interdita o discurso de Veja.

De acordo com Veja, apesar de ter influência de vários lugares do mundo, estes vínculos não comprometem o patriotismo de Barack Obama. O que a revista não fala é que não há uma abertura cultural e econômica dos EUA para países que não se alinham a sua ideologia, como Venezuela, Coreia do Norte, Irã e Cuba – e menos ainda uma tentativa de promoção da igualdade econômica e social no mundo. Nem os Estados Unidos, nem Barack Obama, estão inclinados a fazer concessões. Isso é o que Veja não fala: a diversidade que se respeita é apenas a que se encaixa na lógica americana. A revista faz coincidirem os valores americanos e os valores universais, escondendo a estratégia por trás do discurso multicultural de levantar o prestígio e aceitação dos Estados Unidos e convocar um número maior de pessoas a trabalharem pela causa americana.

Obama abre espaço para que mais pessoas se identifiquem com a esta causa. Não só os *WASP* (*White, Anglo-Saxon and Protestant* - branco, anglo-saxão e protestante), mas também negros e imigrantes, por exemplo, se sentem convocados a trabalhar pelos Estados Unidos. Mais que isso: Barack Obama é capaz de inspirar o mundo e lembrá-lo de uma “América” que vinha sendo esquecida desde a eleição de George W. Bush: a do *sonho americano*. A sociedade americana estava buscando, entre outras coisas, os valores cruciais que construíram sua história, que os deram legitimidade e formação enquanto povo e que foram jogados no lixo pela era Bush. Obama era, num momento em que os Estados Unidos se vêem mais impopulares que

---

<sup>3</sup> Isso pode ser percebido, por exemplo, na matéria *Obama Entra para a História*, de 11/06/2008: “Depois de quase oito anos da política arrogante do presidente George W. Bush, que fez uma guerra sozinho e virou as costas para os dilemas ambientais do mundo, a escolha de um negro, e um negro que passou parte da infância num país islâmico, soa como uma mensagem de tolerância. Tanto que foi recebida com aplausos pela direita e pela esquerda na França. Com elogios dos verdes e dos conservadores cristãos na Alemanha.”



nunca frente a governos e nações em todo o mundo, o estadista que tinha como missão revigorar o sentimento do Destino Manifesto.

### **4.3 Democracia**

Em relação ao tema da democracia, podemos dizer que Veja constrói a democracia estadunidense como perfeita. No entender da revista, o modelo americano funciona perfeitamente e deveria servir de exemplo para o resto do mundo. Dessa forma, a candidatura e posterior eleição de Barack Obama para a presidência seria apenas a prova da magnitude dessa democracia. Seria uma sociedade tão democrática a ponto de um negro, historicamente parte de uma minoria, poder tornar-se presidente.

Veja diz que a única alternativa à democracia americana seria a ditadura, que condena profundamente. A revista em momento nenhum mostra que o sistema político americano é apenas um modelo de democracia e que há outros possíveis. A democracia americana é representativa, com ênfase na sucessão ininterrupta de eleições e nas liberdades individuais. Em contraposição a esse modelo, existe, por exemplo, o modelo de democracia deliberativa, que enfatiza a legitimação da decisão política pela sociedade civil.

Além disso, Veja constrói a democracia como o regime perfeito porque constrói a igualdade entre todos. Contudo, um regime democrático não pretende igualar as pessoas em todos os aspectos. O que uma democracia pode garantir é a igualdade de direitos e de oportunidades, mas em momento nenhum uma democracia, muito menos a americana, propõe, por exemplo, a igualdade econômica dos cidadãos.

Incongruências antidemocráticas dentro do próprio sistema político americano também não são citadas pela revista. Um exemplo seria um incidente ocorrido na última eleição em que o estado americano de Indiana queria exigir um documento com foto para que as pessoas pudessem votar. Acontece que a carteira de identidade americana não tem foto, o que tornaria necessária a posse de uma carteira de motorista para poder participar das eleições. Essa atitude foi claramente antidemocrática na medida em que exclui do direito ao voto todos aqueles que não tem acesso a um carro. Isso sem falar nos rumores de fraude eleitoral na Flórida na eleição de George W. Bush em 2000.

Outro fato histórico omitido por Veja é que o tão democrático Estado americano interviu na América Latina nas décadas de 60 e 70 destruindo regimes democráticos para a instalação de ditaduras. Isso deixa bem claro que, ao contrário do que a Veja diz,





os Estados Unidos não são favoráveis a toda e qualquer democracia e sim a um modelo específico que lhes beneficia.

#### **4.4 Crise Econômica**

Na cobertura da revista *Veja*, a crise financeira mundial apresenta-se como elemento relevante na campanha estadunidense. A contextualização da revista sobre a crise aconteceu no momento de intensificação do quadro e do surgimento de dúvidas sobre as ações que deviam ser adotadas.

Para a compreensão de como essa crise foi estabelecida, o alvo da cobertura se dá nas políticas econômicas do governo Bush – identificado como responsável pelo panorama. Ao mesmo tempo em que *Veja* direciona a sua cobertura colocando a culpa em Bush, ela aponta como resposta Barack Obama, construído não apenas como a saída para a crise dos Estados Unidos, mas, especialmente, para a crise do capitalismo. Essa opção não se dá apenas por ser mais preparado que o adversário, mas por ser o líder que unificaria diferenças trazidas pela crise.

O que não se revela é que Obama torna-se possível exatamente porque existe um cenário de crise. Em outros contextos, como no caso do terrorismo, outros fatores poderiam preponderar na hora da decisão política. Nesse profundo abalo econômico, em que o capitalismo financeiro, personagem da história americana, se desintegrava nas bolsas, se fazia necessário a presença de um chefe que não se omitisse frente aos problemas e que liderasse a nação para a superação de conflitos. Colocava-se em disputa a retomada do otimismo estadunidense frente ao consumo bem como o asseguramento do capitalismo como “melhor” sistema econômico criado tendo como prova dessa afirmação os Estados Unidos.

A revista, entretanto, não mostra é que, com a crise, estavam em jogo os próprios princípios do capitalismo. Quando constrói Obama enquanto líder americano, *Veja* esconde em seu discurso algo crucial: é preciso ter como perspectiva que a sua liderança traduz e incorpora a própria concepção e construção de valores da democracia capitalista liberal daquela sociedade. Se é verdade que não podemos desconsiderar o fiasco dos oito anos da era Bush, também é preciso que se entenda as próprias contradições do modo de produção capitalista ao longo da história. Nesse sentido, o regime de verdade da cobertura interdita é que não só as crises fazem parte do capitalismo como também que essa crise específica é, primordialmente, uma crise da propriedade privada – pilar do próprio capitalismo. Entretanto, não interessa e não se



faz coerente apontar a propriedade privada e o capitalismo como problemas-chaves da conjuntura da sociedade.

Obama, portanto, sujeito político, é parte do discurso coerente, é parte da “América livre”, da América igualitária, libertária, justa e possível para todos. E esses aspectos são fundamentais para o discurso de Veja, principalmente porque, ao tomar esses exemplos e esse contexto, o regime de verdade pode se firmar diante de outros contextos.

#### **4.5 Guerra**

O último dos pontos que elencamos como sendo recorrentes na construção deste regime de verdade diz respeito à questão dos conflitos externos. Em Veja, há uma distinção marcante entre os dois candidatos: enquanto McCain é associado à política agressiva de Bush, considerada desastrosa em todas as matérias, Obama é tratado como o mais indicado para terminar os conflitos externos. Caso seja a favor de uma guerra, será de uma que demande poucos investimentos, seja rápida e não desperdice vidas.

A invasão do Iraque é encarada como uma questão urgente. Como remarca o discurso da revista, os EUA já perderam 600 bilhões de dólares e quatro mil vidas. Com a guerra resumida a números, o ponto interdito na construção discursiva é justamente o propósito dos conflitos. Não se vincula a questão energética com as guerras nem se aponta a presença de petróleo em abundância na região. Da mesma maneira não são apontadas a política imperialista dos Estados Unidos e sua dependência econômica de conflitos, principalmente quanto à sua indústria armamentista. O problema é tratado como uma guerra contra o terrorismo, que precisa ser derrotado sem mais demora.

O conflito é posto como entre territórios unificados. A revista constrói a ideia de uma nação homogênea, o que interdita que ajam conflitos internos nos EUA. Não se apresenta que parte da população se coloque, e tenha se colocado desde o início, contra as guerras, encaradas como absoluto consenso. Do lado oposto, os povos que constituem “o outro” são também homogeneizados enquanto terroristas, sem abordar suas motivações, os diversos posicionamentos de suas populações ou mesmo os efeitos da guerra. Em momento algum são mencionados os dados de gastos ou mortes destes países – como as mais de 1 milhão de vítimas iraquianas.

Por fim, quanto à proposta feita por Obama para desativação da prisão de Guantánamo, apresenta-se a mesma necessidade de uma solução rápida e simplista. Embora seja abordada a ocorrência de maus-tratos – problema também encarado como



fruto do governo Bush –, é visto como natural que haja prisioneiros no local. Não se questiona a posição destes prisioneiros, ou mesmo o interesse dos EUA em criar e manter a prisão. O problema, segundo Veja, é achar um destino para os 200 presos do local. “É possível que alguns deles sejam inocentes, mas uma parte é de terroristas da pesada. E ninguém de boa fé os quer soltos por aí”<sup>4</sup>

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise feita podemos concluir que o regime de verdade de Veja constrói Barack Obama enquanto um sujeito que não se opõe às crenças hegemônicas na sociedade americana: liberdade individual, vitória por méritos próprios, liberalismo econômico. Ao contrário, a figura de Obama serve como prova e ilustração de como a sociedade americana é democrática e tolerante.

Contudo, não nos basta compreender isso. Para Foucault, um regime de verdade só é possível em um determinado contexto. Torna-se necessário, portanto, compreender que contexto é esse que torna esse discurso de Veja possível. A construção do regime de verdade de Veja está pautada na sua circulação em uma sociedade, e mais especificamente em seu público, para o qual os valores da revista, ainda que negociados, são hegemônicos. Como não há passividade na comunicação, se os leitores não se sujeitam ao discurso, ele não continua, não se reproduz, deixa de ser hegemônico. Para que o discurso de Veja funcione, é preciso que haja uma interpelação, um processo que sujeita o indivíduo, ao mesmo tempo que o constitui como tal (ALTHUSSER, 1988).

Apesar de não pretendermos com esse trabalho analisar todo o regime de verdade de veja e sim apenas como ele se dá na cobertura da eleição de Obama, pensamos ser interessante mostrar como os discursos da revista mantêm-se coerentes em diversos temas. Em relação à questão de raça, o regime de verdade que Veja construiu tem, historicamente, privilegiado o esforço das conquistas individuais, a rejeição ao que é da ordem dos movimentos coletivos, a defesa incondicional da liberdade de escolhas dentro dos parâmetros liberais, a organização da sociedade baseada na iniciativa de cada um. E, nesse momento em que se pensa, por exemplo, políticas públicas de reparação, em que se conquistam cotas e em que se debate o *Estatuto da Igualdade Racial* nada mais coerente e oportuno que legitimar como o êxito de cada um depende, exclusivamente, do empenho individual. A democracia tornaria

---

<sup>4</sup> KLINTOWITZ, Jaime, “O mais duro dos testes: a realidade”, Revista Veja edição 2098, 12/11/2008



esse sonho possível já que dentro dela todos são iguais e podem chegar onde quiserem, desde que se esforcem para tal.

Relação semelhante acontece quando pensamos na relevância que assume a democracia na cobertura da campanha americana – algo sagrado, sempre justo –, praticamente a única saída possível. E, portanto, Veja busca, constantemente, legitimar valores ligados a sua concepção democrática, sendo o principal a necessidade de alternância do poder, não só como condição natural da democracia, mas também como forma de preservá-la das tentações autoritárias.

Percebe-se a coerência do discurso quando se observa, por exemplo, a hipótese do terceiro mandato de Lula – veementemente rechaçada pelo discurso de Veja. Ou quando se ataca Evo Morales e Chávez como perigos não só para a democracia de seus países, mas também para toda a América Latina. Os mesmos critérios valem para a cristalização de valores americanos como liberdade de imprensa, o poder de criticar presidentes, bem como a necessidade de um povo de se renovar, de criar, de ousar para estar à frente, para progredir, se modernizar, etc.

Essas negociações com o contexto, essas intervenções, são um marco que nos habilita a entender o porquê da construção dessa representação em determinados contextos. É observando como o discurso se torna coerente que tentamos não só perceber suas incoerências como também destrinchar, compreender em que espaço ele opera. Portanto, todas essas relações constituem passagem das análises para o confronto direto com o contexto.

## 6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado : nota sobre os aparelhos ideológicos de estado*. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 128 p.

AMIN, Samir. **O imperialismo, passado e presente**. 2005. Disponível em <[http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg18-5.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg18-5.pdf)>. Acesso em 05 de julho de 2009.

ANDERSON, Perry. **Force and Consent**. 2002. Disponível em <<http://www.newleftreview.org/?view=2407>>. Acesso em 05 de julho de 2009.



ANDERSON, Perry. **Internacionalism**: a breviary. 2002. Disponível em <<http://www.newleftreview.org/?view=2376>>. Acesso em 05 de julho de 2009.

CANCLINI, Néstor García. As identidades como espetáculo multimídia. In: \_\_\_\_\_. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. p. 163-177.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HALL, Stuart. Representation, meaning and language. In: \_\_\_\_\_. Representation: cultural representation and signifying practices. London, Sage, 1997. p. 15-71.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. ed. Vozes, 2007, Rio de Janeiro: Petrópolis. 2003.

MOUFFE, Chantal. **Em torno a lo político**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença In: **Identidade e diferença- a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 8 ° ed- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

## ANEXOS

### 1. Reportagens que compuseram o *corpus* de análise:

Ed. 2064 - 11 de junho - Obama entra para a história

Ed. 2067 - 2 de julho - A constelação Barack Obama

Ed. 2070 - 23 de julho - Deus salve a América

Ed. 2071- 30 de julho - A segunda guerra do Iraque

Ed. 2073 – 13 de agosto - Não vai ser moleza

Ed. 2075 – 27 de agosto – A incrível chacina da genética

Ed. 2076 – 3 de setembro – O show e a sua estrela

Ed. 2077 – 10 de setembro – Como este vulcão pôde estar oculto ; gente

Ed. 2078 – 17 de setembro – Ação condicionada



Ed. 2080 – 1º de outubro – Procura-se um estadista

Ed. 2082 – 15 de outubro – Na lama com Obama


Ed. 2083 – 22 de outubro – O estilo de cada um

Ed. 2085 – 05 de novembro - O voto contra a crise

Ed. 2085 – 12 de novembro - Obama, a resposta; A longa jornada noite a dentro; O mais duro dos testes: a realidade; O presidente do mundo; Um presidente argentino; Promessas para o Brasil; O poder da alternância; O truque que animou a festa

## 2.

### REVISTA



- ▶ Informações gerais
- ▶ Datas e prazos
- ▶ Publicações especiais
- ▶ Espaços diferenciados
- ▶ Espaços convencionais

#### Perfil do Leitor

Idade	Sexo	Classe Social
63% têm entre 20 e 49 anos	Homens: <b>45%</b> Mulheres: <b>55%</b>	Classe A: <b>30%</b> Classe B: <b>42%</b> Classe C: <b>24%</b>

Fonte: Estudos Marplan Jan a Dez 2008 - AS 10 + anos - 9 mercados

**Total de Leitores: 8.812.000**

Fonte: Projeção Brasil de Leitores com base nos Estudos Marplan e IVC Consolidado 2008

#### Circulação

Tiragem: **1.219.01** exemplares

Circulação líquida: **1.073.60** exemplares

Assinaturas	Avulsas	Exterior
<b>925.308</b>	<b>148.288</b>	-

▶ Circulação por regiões (veja o mapa)

Fonte: IVC - média por edição dez/2008

#### Lista de Preços

última atualização: 22/dez/08  
\* Os preços estão sujeitos a alteração sem prévio aviso

1 página indeterminada:	<b>R\$ 216.000,00</b>
2/3 página vertical:	<b>R\$ 198.600,00</b>
1/2 página horizontal:	<b>R\$ 154.200,00</b>
1/3 página vertical:	<b>R\$ 105.800,00</b>

### SITE



- ▶ Formatos de banners
- ▶ Lista de preços

Versão on-line da maior revista semanal do país. Com atualização diária de notícias, especiais, cartoons que o internauta só encontra em Veja On-line: Entrevistas, Gente, Vida Digital, Economia e Negócios.  
[Para acessar a tabela completa Clique aqui](#)

▶ Acesse o site

#### Perfil do Internauta

Idade	Sexo	Classe Social
82% têm entre 25 e 64 anos	homens: <b>58%</b> mulheres: <b>42%</b>	Classe A: <b>14%</b> Classe B: <b>49%</b> Classe C: <b>31%</b>

Fonte: Pesquisa Nacional Abril/Datalistas - 2007

#### Audiência (mar/09)

**15.943.103** page views  
**1.900.737** unique visitors

Fonte: Certifica

#### Newsletter

Próxima Veja - Semanal



Os assinantes recebem na noite de sexta-feira destaques da próxima edição de Veja e as novidades de Veja on-line.

**Total de usuários: 282.000 (set/08)**